

A cooperação energética Brasil-EUA - cena 1, primeiro ato⁽¹⁾

Fernanda Delgado

Energia e mudanças climáticas são aspectos importantes da relação diplomática e comercial entre EUA e Brasil e só se tornarão mais proeminentes sob o governo Joe Biden. Ao mudar as intenções do novo governo para uma matriz mais limpa, o Brasil pode se beneficiar em dois aspectos principais: por ter a matriz mais limpa do mundo e poder ser o benchmarking dessa pretendida descarbonização, e por precisar forçosamente ajustar sua agenda de diálogo multilateral com o novo governo americano, que pode ocasionar uma alternância de narrativas e condutas até então observadas nas lideranças das diretrizes ambientais e energéticas da frente governamental brasileira.

Buscando elementos para o incremento dessa discussão, a Interamerican Dialogue e a FGV Energia realizaram uma mesa redonda privada virtual entre EUA-Brasil sobre cooperação energética e climática. O encontro congregou convidados do governo e funcionários do Congresso dos EUA, funcionários do governo brasileiro, representantes de empresas de energia dos EUA, Brasil e Europa, e outros especialistas. A intenção foi explorar oportunidades entre os Estados Unidos e o Brasil em questões de energia e clima sob a nova administração, levando em consideração as perspectivas e interesses dos governos dos dois países em energia e mudanças climáticas, e os efeitos da relação mais ampla EUA-Brasil sobre investimentos em energia no Brasil.

O Brasil é um dos mais importantes parceiros diplomáticos e comerciais dos Estados Unidos no hemisfério, e ambos os países têm potencial para fazer contribuições importantes para os esforços globais de combate às mudanças climáticas e o desenvolvimento de sistemas de energia mais limpos e modernos. De imediato, caberá aos atores e instituições da sociedade civil brasileira cultivar laços com o novo governo e compensar as deficiências amplificadas pelos últimos anos de governos de ambos os lados.

Apesar de todo o barulho e das crises de saúde, o governo brasileiro continua a todo vapor na construção do setor de energia, rumo a um mercado aberto, dinâmico e competitivo. Muito tem sido feito, lembrando que o País está, efetivamente, saindo de um monopólio de fato nos setores upstream e downstream de petróleo. Para tornar essas reformas reais, a Petrobras está desinvestindo em diversos e diferentes ativos: de campos terrestres a refinarias, reforçando o desejo de normalizar a situação financeira e de endividamento da empresa. O rumo e a trajetória dos acontecimentos no País, para este setor em especial, têm sido acertados, resta ainda acelerar para que as mudanças regulatórias e econômicas acompanhem o desenvolvimento tecnológico e a urgência social.

Contudo, do lado bilateral, as relações Brasil-Estados Unidos durante a administração de Donald Trump foram muito mais barulhentas do que de efetivos resultados econômicos. O Brasil contava com o apoio dos EUA para entrar na OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), o que não ocorreu; e o comércio internacional entre os países caiu 25% nos últimos quatro anos, prejudicando a balança

comercial brasileira. Adicionalmente, os dois governos, Bolsonaro e Trump, compartilhavam ideologias comuns sobre como tratar - ou não tratar - o meio ambiente. Apesar do Brasil ser uma das matrizes energéticas mais limpas do mundo - sendo dois terços vindos da hidroeletricidade -, a transição energética é uma realidade, assim como também o é o desmatamento da Amazônia. Ao contrário do que acredita o governo brasileiro, o País tem se ajustado contra o desmatamento, tentando mudar essa tendência, embora seja preciso fazer mais. Muito mais.

Nos EUA, Joe Biden e Kamala Harris chegam à Casa Branca com um conceito totalmente diferente sobre mudanças climáticas, transição energética e relações multilaterais, o que levantou a possibilidade de aumento da tensão entre os dois governos. Os sinalizados dois trilhões de dólares em investimentos em energias alternativas, veículos elétricos, pesquisa e hidrogênio, na sua maioria, trarão as discussões mais contemporâneas de descarbonização para o eixo americano, além, claro, de incentivar a economia do país (e ainda, em boa medida, o incremento do consumo de energia e de petróleo em um primeiro momento). Os comentários de Biden durante sua campanha sobre o desmatamento no Brasil foram muito públicos. E mesmo que o Brasil tenha uma boa reputação no setor regulatório no que diz respeito aos negócios de energia, existem alguns atritos nas relações bilaterais:

- petróleo e gás representam 5% do PIB brasileiro e o mercado está contando com a atração de investimentos estrangeiros, principalmente americanos, para a aceleração da abertura da competitividade e atração de novas empresas. O lento avanço das reformas climáticas brasileiras, no que diz respeito ao desmatamento, pode empurrar alguns investimentos em petróleo e gás - mesmo que o setor de energia tenha boa reputação de organizado e estável no cenário internacional.

- o Brasil possui fontes de energia mais limpas em sua matriz do que a maioria dos países. 46% da energia no ano passado foi renovável, principalmente graças à biomassa da cana e à energia hídrica. Os países da OCDE, em média, estão abaixo de 12%. É um ativo geopolítico que o Brasil detém - um incontestado ponto de partida na transição energética. Também fornece evidências de que o Brasil é competitivo na transição energética, ou, na visão de alguns autores, já está no meio desse processo de transição, corroborando sua boa reputação no setor.

- dois terços do território brasileiro ainda é coberto por vegetação, grande parte da Floresta Amazônica, de incrível biodiversidade, tem regulamentos rígidos de uso do solo (um dos mais rígidos do mundo).

- ainda, o Brasil é o maior especialista em etanol - combustível renovável - as relações bilaterais podem tentar criar um mercado mundial de produção e consumo desse combustível - que não é uma área de atrito em si, mas sim uma possibilidade de cooperação.

- devido à importância da transição climática e energética na agenda Biden, o Brasil provavelmente terá que reestruturar seus negociadores de linha de frente com o governo americano para uma melhor relação construtiva.

- o retorno dos Estados Unidos ao Acordo de Paris é uma mensagem ao Brasil de que esse é um assunto importante daqui para a frente, e merece muito mais atenção do que vem sendo dada até agora.

- toda a indústria de petróleo dos EUA deve ser revisada sob a administração Biden, o que reverberará em toda indústria petrolífera mundial.

Importa mencionar que o planejamento energético brasileiro não é tarefa simples e envolve uma enorme complexidade em equilibrar quatro objetivos: segurança energética, proteção ambiental, competitividade econômica e desenvolvimento

socioeconômico (acessibilidade econômica, acesso físico). Contar com uma cooperação bilateral em energia como o fórum energético EUA-Brasil, que possui uma agenda diversa - energia e renováveis, petróleo, plano de desinvestimento da Petrobras, eficiência energética, licenciamento ambiental, gás natural - é importante e benfazejo nesse momento transacional.

Entende-se que o contexto de investimentos no setor de energia no Brasil ocorre de forma desvinculada das turbulências do setor político e, portanto, a agenda de cooperação EUA-Brasil deve seguir seu curso sem grandes interrupções. Olhando um panorama geral, o Brasil ainda tem uma miríade de desafios pela frente. Embora os sistemas energéticos estejam em transformação, o petróleo continua sendo uma fonte indispensável no Brasil e no mundo. Porém, nas palavras de Heloisa Borges, diretora da EPE (Empresa de Pesquisa Energética), apenas oportunidades competitivas prosperarão. É necessário ainda desbloquear fronteiras exploratórias, incrementar a produção onshore, inclusive aproveitando o potencial dos recursos não-convencionais, maximizar a recuperação de reservas, fomentar a produção de campos marginais e estender a vida útil de produção destes, trabalhar de forma transparente uma política tributária sobre os combustíveis derivados, acelerar o desenvolvimento da indústria de gás natural e fazer tudo isso direcionado a um futuro descarbonizado e com clara participação da sociedade.

(1) Artigo publicado no Broadcast Energia. Disponível em:

<https://energia.aebroadcast.com.br/tabs/news/862/37025289>. Acesso em 12 de março de 2021.